



O ÊXODO RURAL ENTRE OS JOVENS CAMPONESES:

o desafio colocado à escola

Paulo Sérgio Rodrigues*

Odimar João Peripolli**

RESUMO

O artigo tem como objetivo pesquisar e analisar as condições que estão sendo pensadas e construídas para o homem do campo, no que diz respeito às condições de trabalho, estudo e vivências, mais especificamente, entre os jovens camponeses. Qual o papel da escola no processo de expulsão destes do campo? Esse questionamento será trabalhado ao longo do texto. Quanto à metodologia, fontes bibliográficas, documentais e trabalho de campo. Concluimos que os jovens que abandonam o campo, o fazem, sobretudo, por falta de políticas públicas que contemplem seus sonhos de vida, viver no/do campo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Êxodo rural. Escola.

1 INTRODUÇÃO

O campo vem perdendo consideravelmente seu contingente populacional durante as últimas décadas. Entre os jovens essa desintegração camponesa se torna maior, pois, com o advento de melhores condições nas cidades urbanizadas, acabam deixando o campo em busca de estudo, de trabalho e condições de vida. Segundo Abramovay (1999, p. 19) “As migrações estão relacionadas diretamente à oferta de trabalho no meio urbano”.

A presente pesquisa analisou a situação das escolas do campo e também o motivo do campesinato ter sido tão desintegrado ao longo de décadas. “A população rural brasileira atingiu seu máximo em 1970, com 41 milhões de habitantes, o que correspondia a 44% do

* Graduando de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos do Professor Dr. Odimar João Peripolli. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC).

** Doutor em Educação pela Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Projeto de Pesquisa e Extensão Múltiplos Olhares Pedagógicos da Educação do Campo (MOPEC).

total. Desde então o meio rural vem sofrendo um declínio populacional relativo e absoluto, chegando aos dias de hoje com um total de 29, 37 milhões de habitantes, ou 15% do total nacional” (IBGE, 2010). De 2010 para cá esses números aumentaram ainda mais. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até 2050 população rural brasileira terá em torno de 16 milhões de habitantes, enquanto que a população urbana será algo em torno de 240 milhões, apenas 6% da população estarão no campo enquanto que 94% na área urbana (id.).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil, ao longo de sua história, tem dado pouca ou nenhuma atenção aos seus jovens, principalmente aos jovens do campesinato. Pode-se afirmar isto com tanta clareza porque somente em 2005 foi criada a SEJ (Secretaria Especial de Juventude) e o CNJ (Conselho Nacional de Juventude), a partir daí o tema (juventude) passou a ganhar espaço formal no poder público federal. Até então, afirma a autora, o nosso país “era um dos únicos países da América Latina a não ter esse espaço formal no poder público federal a tratar do tema”.

As pesquisas/estudos mostram um coletivo que, embora mais ou menos organizado (PERIPOLLI, 2009), está mudando a face do campesinato brasileiro. E isso está acontecendo também em Mato Grosso. Quem fica à frente deste cenário são os povos do campo (ribeirinhos, meeiros, arrendatários, pequenos agricultores, sem-terra, recém-chegados...). Isso comprova que os espaços da Amazônia norte mato-grossense se constitui pela sociodiversidade e não, como tem sido mostrado durante tanto tempo, como sendo um território voltado à exploração capitalista e do agronegócio apenas (CARVALHO, apud Fernandes, 2005).

Neste ‘novo’ cenário é que se percebe a necessidade de se construírem novas concepções de campo, bem como novas concepções teóricas e práticas educacionais. Essa tarefa é urgente, pois o campo mato-grossense, assim como em outras tantas regiões do país, ainda se caracteriza pelo analfabetismo, principalmente entre os adultos (PERIPOLLI, 2009).

Questões assim colocadas têm grande importância na medida em que mostram que a vida de cada um desses jovens trabalhadores deva ser concebida e entendida como algo que se constitui dentro de uma dimensão social. Logo, viver no/do campo, e reproduzir-se enquanto trabalhador, no campo ou na cidade, tem uma relação direta com os diferentes aspectos e dimensões da vida social que os envolve. Estes, por sua vez, não podem ser entendidos sem

que sejam inseridos no contexto em que surgem e se desenvolvem (FERNANDES, 2005). Portanto, mais do que pensarmos a escola, única e exclusivamente, temos que pensar para além, para o seu entorno.

Neste contexto (difícil), acreditamos que a presença da escola/EJA torna-se importante: possibilitar que estes aprendam a fazer outra leitura da realidade, qual seja: longe do discurso da compreensão da História como determinação (FREIRE, 1996); da ideia fatalista que apregoa o fim/morte do sonho e da utopia, tão comum e presente no discurso neoliberal. Discurso que cega/mata/ludibria qualquer perspectiva de outras possibilidades que não aquelas impostas pelo projeto do capital para o campo. Logo, o fim do meio rural/campo, e, conseqüentemente, da escola, se colocam como algo impiedoso (PERIPOLLI, 2009).

A relação de produção camponesa não é uma relação capitalista, ela constitui-se como uma maneira única de produção, com um sistema próprio e uma visão particular de mundo. Desta forma, com o aumento das relações capitalistas no campo, a compatibilidade camponesa de produção, e sua visão de mundo são submetidas pela ideologia burguesa.

E um dos principais instrumentos utilizados pela burguesia para atingir a hegemonia é justamente a educação formal, de modo que qualquer conhecimento contraído fora da escola é integralmente desvalorizado, e com isso o projeto burguês transfere valores, costumes relacionados a sua visão de mundo.

Nos dias atuais, a educação, ou melhor, a educação formal tornou-se um real atrativo. Debater o papel da escola faz necessário debater o conhecimento escolar e suas implicações sociais.

Sendo posto desta forma, já que o conhecimento escolar é uma construção social, por que somente o conhecimento da burguesia encontra espaço nos currículos escolares? O currículo escolar privilegia a camada dominante quando se fala domínios e áreas de conhecimento, já que eles próprios definem isso antecipadamente sem se preocuparem com a cultura e experiências dos alunos das classes populares.

Fernandes (2002, p. 35-36) diz que:

O conhecimento é apresentado como independente dos que criam e dos que aprendem. Há uma hierarquização no currículo, a dissociação entre a teoria e prática, as metodologias que não favorecem a atividade e a autonomia do estudante, o distanciamento das disciplinas acadêmicas da vida e do trabalho, entre outros fatores que mostram o sentido contrário desta educação em relação à cultura que os estudantes levam para a escola.

Levado ao fato de que a educação é um direito de todos, concordo com Buffa (apud FERNANDES 2005, p. 47) quando diz que “todos saberão para onde devem dirigir todos os

atos e desejos da vida, por que caminhos devem andar, e de que modo cada um deve ocupar seu lugar”.

Desta forma a educação escolar busca semelhar os costumes, os valores na qual todas as formas de entender o mundo estão submersas numa ótica trivial: a ótica dos valores e costumes capitalistas.

Mas então, o que isso tudo tem a ver com a desintegração do campesinato? A escola torna o conhecimento padrão, e todos os educandos, mesmo os de realidades culturais opostas, são subordinados às mesmas didáticas, os mesmos conteúdos, causando assim, uma alienação nos educandos, principalmente os do campo, onde são passados a eles valores e costumes muito diferentes dos seus.

Mas então, o que isso tudo tem a ver com a desintegração do campesinato? A escola torna o conhecimento padrão, e todos os educandos, mesmo os de realidades culturais opostas, são subordinados às mesmas didáticas, os mesmos conteúdos, causando assim, uma alienação nos educandos, principalmente os do campo, onde são passados a eles valores e costumes muito diferentes dos seus.

A ruptura com a condição camponesa e a traição do espírito camponês é o apogeu de um processo essencialmente negativo que leva ao abandono da terra e à fuga para a cidade, ou à permanência resignada numa condição desvalorizada e desvalorizante, mais do que a invenção de um novo tipo de relação com a terra e com o trabalho da terra. Os camponeses ‘camponeisados’ desapareceram para sempre, mas os agricultores modernos são ainda poucos e raros. Em cada aldeia ainda restam alguns camponeses ‘genuínos’ que perpetuam teimosamente uma forma de vida obsoleta, e alguns agricultores capazes de gerir suas propriedades segundo as regras da racionalidade econômica.

No entanto, a oposição entre o camponês tradicional e o camponês moderno não tem senão um valor heurístico e apenas define os polos extremos de um *continuum* de condutas e atitudes separadas por uma infinidade de diferenças infinitesimais. (BORDIEU; SAYAD apud FERNANDES, 2005).

O projeto de sociedade criado pelo capital é um projeto excludente e classista, assim como o sistema educacional: “esse sistema escolar nasceu e se estruturou marcado por interesses de classe” (ARROYO, 2004, p. 18).

O que Arroyo diz vai contra a ideologia burguesa, que está centrada em somente transmitir seus valores e nada mais importa ou tem valor.

O êxodo rural acontece quando o sistema capitalista se insere no campo, com o avanço das relações de produção capitalistas, através da subordinação da produção camponesa a

economia de mercado e conseqüentemente, a inserção dos costumes e valores burgueses aos camponeses.

A dependência da economia rural se dá através do controle da produção agrícola pelo capital. Isso acontece pela difusão do capital no comando da produtividade através da especialização da pequena produção baseada na policultura alimentar, aumentando assim a dependência aos mercados de produtos, insumos e aumento a dependência do capital para conservar a produção. Esses aspectos estão associados a um processo crescente de mercantilização das atividades agrícolas do meio rural.

O campesinato acaba se tornando um gigantesco obstáculo ao sistema capitalista e ao ‘progresso’ no campo, pois acaba impedindo a formação de um amplo mercado interno pela sua cultura de produzir somente o necessário para viverem bem.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada consistiu basicamente em: pesquisa bibliográfica, documental e trabalho de campo. O campo empírico da pesquisa foi o assentamento de reforma agrária Doze de Outubro, na Escola Florestan Fernandes, município de Cláudia-MT.

Os sujeitos da pesquisa foram: titulares dos lotes/parceiros, filhos dos parceiros, alunos da escola, professores. A coleta de dados foi feita utilizando-se das seguintes ferramentas de pesquisa: observação, entrevistas com questões semiestruturadas.

Enquanto método, optamos pelo Estudo de caso.

Segundo André (2005, p. 29), o que caracteriza um estudo de caso é a “singularidade da situação”, ou seja, a unidade escolhida para o estudo, que, segundo a autora, “representa por si só um caso digno de ser estudado, seja porque é representativo de muitos casos, seja porque é completamente distinto de outros casos”. As análises foram feitas dentro de uma perspectiva sócio histórica, pois este referencial é significativo na medida em que “se estrutura como crítico radical do capitalismo” (FRIGOTTO, 2001, p. 24). Para o autor, embora o referencial marxista não seja o único que faz crítica às relações sociais capitalistas, é o que o faz de modo radical, ou seja, o que vai à raiz das determinações: “trata-se de um referencial que se afirma na crítica ao capitalismo e, enquanto existir, seu papel permanece fundamental e insubstituível. A crítica assume efetivo papel histórico quando se constitui em mediação para a travessia para novas formas de relações sociais” (p. 42).

4 PESQUISA DE CAMPO

Foram realizadas vinte entrevistas, porém, iremos divulgar três dessas vinte (um pai de aluno, um aluno e uma professora). Das pessoas entrevistadas, nem um nasceu no assentamento. Todos os entrevistados disseram gostar de morar na comunidade, mesmo com muitas dificuldades que os mesmos relataram:

(01) Aluno 1: Gosto da escola, sim! Apesar das condições que enfrentamos aqui, como você pode ver, a estrutura é uma ‘porcaria’, tudo de madeira, mas os professores são bons e acredito que continuando na escola, ela pode me levar à um futuro melhor.

Quando perguntado sobre o que gostava e o que não gostava dentro e/ou fora da escola,

(02) Aluno 1: É como eu disse pra você, aqui tem uma boa educação mas o pessoal aqui (município de Cláudia), ao invés de mandar um material adequado para estudos e até mesmo para construir a escola, manda madeira ‘velha’. Meu sonho é terminar os estudos aqui e fazer agronomia depois que eu terminar quero retornar ao campo e melhorar aqui com os conhecimentos de lá. A maior facilidade em estudar no campo é que aqui todos se respeitam, professor respeita aluno e aluno respeita professor, não é igual na cidade.

E qual a matéria que você mais gosta?

(03) Aluno 1: Com certeza é história, os professores falam sobre a luta que foi para conseguir fazer essa escola ficar de pé, sobre o assentamento, sobre como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) funciona.

Esta última fala vai ao encontro com o pensamento de Fernandes (2002, p. 46), quando do diz que,

A educação para ser uma forma de libertar os indivíduos, tornando-os mais críticos e conscientes, não pode ser apenas um meio de transmissão de uma cultura. Ela, educação, precisa nascer desta cultura, ter suas raízes nesta cultura. A função cultural da escola continua sendo uma função secundária e até ignorada. Em consequência, o ensino ministrado transmite um conhecimento formal e desvinculado da realidade social da maioria da população que ela freqüenta,

apresenta conceitos vazios de significados por se encontrarem distantes da cultura real do povo, longe da dinâmica dos grupos sociais, principalmente do campesinato.

Um dos moradores e pai de aluno do assentamento que foi entrevistado P1, mora no assentamento há quatro meses, porém anteriormente já morava em outro assentamento (Zumbi dos Palmares):

(04) P1: Desde que me entendo por gente morei no campo, meus pais eram camponeses no estado do Paraná e quando saí de casa também segui o mesmo caminho de ser camponês, tive dificuldades na infância em relação aos estudos, pois como meus pais sempre estavam mudando de cidades ou estados ficava difícil acompanhar os estudos. Hoje sou tecnólogo em agroecologia e faço uma pós graduação nesta área também que a comunidade tem em parceria com o MST. A maior dificuldade que vejo em morar aqui são as dificuldades impostas pelo próprio governo em relação aos assentados, a falta de políticas públicas voltadas para o campo e em especial o pequeno produtor rural, e isso acaba gerando outros problemas, pois se as pessoas não têm condições mínimas de acessarem seus direitos fica complicado, elas tem que sair daqui para conseguirem renda é o que acontece muito aqui e isso com certeza acaba causando muitos outros problemas. Eu quero sim que a minha filha continue aqui após terminar os estudos, pois até lá é eu tenho esperança que o campo vai estar bem diferente do que é hoje, e já vem mudando, já vem melhorando bastante.

A desintegração do campesinato acontece com o avanço das relações de produção capitalistas no campo, via subordinação da produção camponesa a economia de mercado e consequentemente introdução dos costumes e valores burgueses aos camponeses. (FERNANDES, 2002, p. 48).

A outra pessoa entrevistada foi um dos professores da escola Florestan Fernandes, (Professor 1), tem Ensino Médio completo e faz graduação em Pedagogia para professores do Campo, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), está no sexto semestre:

(05) Professor 1: Já trabalhei as disciplinas de matemática, português, história, geografia e agora no ensino médio estou trabalhando com filosofia e sociologia. Campo, pela falta de professores, nós precisamos ter esses improvisos, o que acaba fazendo com que tenhamos um preparo maior.

Quando perguntado sobre a trajetória de vida o professor responde:

(06) Professor 1: Toda minha vida morei no campo, nunca morei na cidade e fiz isso por opção, talvez isso tenha sido um grande fator por eu ter atrasado os meus estudos, eu realmente esperei por um curso que viesse ao encontro para o que eu fazia no campo, que ajudasse na melhora da qualidade de trabalho.

E o livro didático Professor 1?

(07) Professor 1: Olha, pra falar a verdade pra você, nós não utilizamos muito o livro didático aqui, não, é claro que alguma coisa a gente pega e sempre trás para a nossa realidade, mas o que nós utilizamos aqui é sempre algo sobre o campo, sobre onde eles estão inseridos, na verdade nós já estamos fartos do conhecimento que vem dá cidade para o campo, nós queremos é produzir conhecimento de cá pra lá.

Para Marx, o processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho (Fromm, 1975). A atividade intelectual é uma forma de trabalho, ou seja, Marx considera como trabalho todas atividades, manual e intelectual. No trabalho alienante, (escola), o objeto produzido pelo trabalho (conhecimento), se opõe ao trabalhador (aluno), como um ser estranho, como uma força independente do produtor (aluno). (FERNANDES, 2002, p. 48).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Dentre as vinte pessoas entrevistadas, doze querem continuar de alguma forma no campo mesmo se tiverem que sair e procurar estudos em outras regiões, mas posteriormente querem regressar ao campo, apesar das condições adversas, percebe-se que o camponês tem muita estima por sua terra, e mesmo em condições às vezes pífias, querem e pretendem continuar a viver no/do campo. Desde que existam condições de vida, trabalho e estudos, como relatamos acima. Oito pessoas querem deixar o campo devido às péssimas condições que ali encontram.

6 CONCLUSÃO

A partir das discussões feitas, pode-se concluir através do campo teórico e também do campo empírico que o campo vem sendo destruído pelo projeto do capital, e que isso prejudica não só o próprio campo, mas também as pessoas que necessitam do mesmo para trabalhar, estudar e seguirem suas vidas de maneira digna. Observamos a luta por uma escola

diferente dentro do assentamento Doze de Outubro, percebemos que a escola Florestan Fernandes junto com seus professores está no caminho certo, mas ainda à muito por ser feito.

A escola sofre com a falta de infra-estrutura, faltam recursos e sobram problemas para que a escola possa avançar em novas propostas.

Atestamos que os professores buscam trazer o planejamento de aulas para dentro da realidade da escola, com disciplinas que falem sobre a história do assentamento e do MST. Fora os projetos em parceria com a UNEMAT, que buscam fazer com que os alunos tenham consciência de onde vivem e da cultura enorme que se encaixa naquele espaço.

Como esta pesquisa teve como objetivo tratar de um tema significativo, que é a Educação do Campo, temos como tarefa continuarmos com o processo de amadurecimento diante das questões relacionadas.

THE RURAL EXODUS AMONG RURAL YOUTH: the challenge to the school

ABSTRACT¹

The article aims to research and analyze the conditions that are being designed and built for the farmer, as regards working conditions, study and experiences, specifically among young peasants. What is the role of the school in the eviction process of the field? This questioning will be working throughout the text. Regarding the methodology, bibliographical, documentary sources and fieldwork. It was concluded that young people who leave the field, they do mainly because of lack of public policies that address their life dreams, live in / field.

Keywords: Rural Education. Rural exodus. School.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil:** Panorama dos últimos 50 anos. Disponível em: <www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0621.pdf> Acesso em: 22 abr. 2012.

ALUNO 1. **Aluno 1:** depoimento [16 maio 2014]. Entrevistador: Paulo Sérgio Rodrigues. Sinop, MT, 2014. 1 arquivo sonoro (áudio gravado com 3,67 mb). Entrevista concedida para Artigo sobre O Êxodo Rural e a Educação do Campo.

¹ Tradução realizada pela Bruna Duarte Nusa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

ANDRÉ, Marli E. D. Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil**: Panorama dos últimos 50 anos. Disponível em: <www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0621.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2012.

FERNANDES, Ovil Bueno. **Educação, Cultura e Sociedade**: Abordagens Críticas da Escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A nova e a velha face da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

P1. **P1**: depoimento [16 maio 2014]. Entrevistador: Paulo Sérgio Rodrigues. Sinop, MT, 2014. 1 arquivo sonoro (áudio gravado com 13,8 mb). Entrevista concedida para Artigo sobre O Êxodo Rural e a Educação do Campo.

PROFESSOR 1. **Professor 1**: depoimento [16 maio 2014]. Entrevistador: Paulo Sérgio Rodrigues. Sinop, MT, 2014. 1 arquivo sonoro (áudio gravado com 17,1 mb). Entrevista concedida para Artigo sobre O Êxodo Rural e a Educação do Campo.

PERIPOLLI, Odimar João. **Expansão do capitalismo na Amazônia norte-mato-grossense: a mercantilização da terra e da escola**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 259 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.